

O novo mito da Importância do Não Saber e o rito do desinteresse na sala de aula.

Como professor proponho uma breve análise de um novo mito que tenho observado no dia a dia, em sala de aula: A importância do não saber. Buscando, ainda, entender a relação entre esse mito e o desinteresse observado em alguns alunos, meus e de amigos professores.

Primeiramente, é interessante estabelecermos uma concepção de mito. O mito é “o modo como um povo ou civilização entende e interpreta a existência”(Mircea Eliade, Aspectos do Mito, pág12/13). E, ainda, faz-se necessário entendermos que o objetivo do mito é “... criar valores, senso de identidade e coesão entre os membros de um grupo social ou de uma nação. Ele visa fazer com que os indivíduos comunguem a mesma cosmovisão, as mesmas emoções, os mesmos sentimentos e a mesma vontade, produzindo um elo de ligação e de identidade”.¹ Porém, para analisarmos o Novo Mito da importância do Não Saber, devemos olhar para trás e contemplar um outro mito, que entendo como o mito original deste: o mito do Saber Escolástico como Redentor da Civilização. A história nos mostra a escrita como um antigo instrumento de poder. Os que detinham o conhecimento da escrita e da leitura não estavam sujeitos aos trabalhos manuais e penosos e ocupavam cargos importantes na hierarquia política.² Com a assimilação deste fato pelas massas e com a observação desta realidade no decorrer dos tempos criou-se o mito que o saber escrever melhorava a condição de vida de um homem.

Com a criação da instituição escolar, o aprendizado da leitura e da escrita, e de outros saberes, foi deslocado para dentro das salas de aula e a escola começou a fazer parte do mito do saber, como um local “sagrado”, o lugar onde se obtém o conhecimento, tão necessário para o homem que queria destacar-se. Houve então a democratização do ensino e a escola deixou de ser apenas freqüentada por privilegiadas classes sociais.

A desilusão.

Agora, ricos e pobres podiam ir às escolas. O conhecimento “estava lá”, à disposição de todos que o quisessem. Educação gratuita e constitucional. Mas o

tempo mostrou que ainda assim, com o acesso ao conhecimento escolar, a sociedade não se tornou tão melhor. Os pobres que freqüentavam a escola não saíram de lá ricos. Ainda existiam problemas econômicos, sexuais, judiciais, religiosos e etc. E a população passou a desacreditar do poder mágico que a escola deveria ter. Paralela a desilusão, ou como agravante à ela, estudiosos, como Michel Foucault, mostravam uma outra visão da escola, uma visão pesada e as vezes até assustadora.³

A escola passou a ser mostrada como um centro de alienação e adestramento de pessoas.

A instituição escolar perde então seu caráter de transmissora do conhecimento e da verdade e adquire um aspecto repressor, totalitário e manipulador. Obviamente, algumas pessoas permaneceram fiéis a crença da Educação Transformadora, e correntes pedagógicas (Construtivismo, por exemplo) surgiram para tentar mudar o sistema de ensino. Talvez esse fosse o problema: o sistema de ensino...não a escola.

A divulgação de um novo padrão. Mídia e sociedade. O cinema, a televisão e a mídia em geral mostram um novo herói na epopéia capitalista. O herói que supera a fome, o desconhecimento e a solidão amorosa através do seu poder. Este herói não tem uma visão de raio X, não é feito de aço, não voa e nasceu pobre – estes itens e outros são responsáveis pela identificação que o adolescente estabelece com o herói- O poder que o herói tem é o capital. O dinheiro. Como explanado anteriormente, houve um tempo em que os heróis, os modelos bem sucedidos, necessitavam de estudo, mas os heróis mudaram com o tempo e hoje a mídia divulga esse novo herói que não estudou para ter o que tem. Muitas vezes esse herói não pôde estudar por falta de condições propícias como o trabalho infantil e etc, mas o fato é o mesmo.

O herói analfabeto funcional que é jogador de futebol, o herói traficante, o herói contrabandista, o herói que toca pandeiro em um grupo musical... que anda em carro importado, que namora as louras mais sensuais, que é famoso e aparece na caixa mágica da televisão. E como o objetivo do herói é o exemplo, o modelo, a imitação, torna-se muito mais fácil identificar-se com esse herói humano, supracitado, do que com o que voa e segura um projétil nas mãos. Começa-se então,

talvez inconscientemente, a imitação. Assim surge o novo mito, que é primeiramente assimilado pela massa e depois entendido como verdade: A importância de não saber.

O não saber adquire importância na medida em que os ídolos, heróis e referenciais se aproximam dele. O saber que me refiro é, obviamente, o saber curricular, o saber que é transmitido pela escola e não o saber vivência de mundo. Logo, se o herói imitado pelo adolescente não precisou do estudo para conseguir sua ascensão financeira, o adolescente crê não precisar também. Eis o mito em si. Infelizmente, é raro encontrarmos, nas escolas, alunos que estudem por prazer, por buscarem o conhecimento e as verdades oferecidas na escola. A maioria estuda por obrigação, por que seus pais determinam. De modo cíclico os pais estão presos aos velhos heróis, que estudaram para ganhar dinheiro, e entendem que para que os filhos tenham dinheiro também (ou seja, o estudo se torna um meio para o fim capital) devem estudar. Mas os filhos possuem outros heróis para espelharem-se.

Rito.

Entendendo que o rito é o que possibilita vivência do mito e sua permanência no campo social, como por exemplo os rituais religiosos que através de suas cerimônias –ritos, ensinam e fundamentam suas crenças e deuses-mito, na consciência-inconsciência?, das pessoas que estão envolvidas, analisemos, agora, qual a relação entre o rito e o desinteresse dos alunos.

Antes, é importante entender que está não é uma análise simplista que tem com objetivo determinar o motivo único do desinteresse pela escola entre os alunos. Tenho plena consciência de que outros fatores, talvez até mais relevantes, determinam e culminam nesse desinteresse. O que busco é a análise e compreensão de um desses fatores. Como uma parcela que foi, por questões didáticas, isolada das outras para o estudo. O desinteresse apresentado por alguns alunos, a falta de empenho na realização dos trabalhos, e a falta da vontade de estudar na verdade fazem parte de uma cerimônia, de um ritual que vivenciado diariamente e internalizado faz a manutenção do Mito da Importância do Não Saber. Aplicada então a teoria do Mito e Rito na rotina escolar, faz-se necessário a busca de uma solução. Não, exatamente, com o pensamento de que a escola mudará a

vida destes alunos – embora muito me agrade esta idéia- mas com a consciência de que o saber apreendido pode ser um instrumento importante para o alcance dos objetivos destes mesmos alunos.

Texto escrito por: Vinícius Oliveira em 20/07/2009.

Bibliografia

1- <http://www.sociedadeteosofica.org.br/bhagavad/site/livro/cap65.htm>

2- http://www.nossaversao.pro.br/historia_detalhes.php?numero=47

3- <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/critico-instituicao-escolar-423110.shtml>

<http://psicoforum.br.tripod.com/index/artigos/mito1.htm>

o novo mito da importância do não saber e O rito do desinteresse na sala de aula by <a xmlns:cc="http://creativecommons.org/ns#" href="http://ensaiosliterais.blogspot.com/" property="cc:attributionName" rel="cc:attributionURL">Vinícius Oliveira is licensed under a Creative Commons Atribuição-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License.
Based on a work at <a xmlns:dc="http://purl.org/dc/elements/1.1/" href="http://ensaiosliterais.blogspot.com/" rel="dc:source">ensaiosliterais.blogspot.com